Missões
Revista de Ciências Humanas e Sociais

COLONIZAÇÃO, CATEQUIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS (SÉCULOS XVII E XVIII): O IMPACTO DAS MISSÕES JESUÍTAS EM TERRITÓRIOS DA MATA ATLÂNTICA E DO PAMPA

COLONIZATION, CATECHIZATION, AND ENVIRONMENTAL TRANSFORMATIONS (17TH AND 18TH CENTURIES): THE IMPACT OF JESUIT MISSIONS ON TERRITORIES OF THE ATLANTIC FOREST AND THE PAMPA

COLONIZACIÓN, CATEQUIZACIÓN Y TRANSFORMACIONES AMBIENTALES (SIGLOS XVII Y XVIII): EL IMPACTO DE LAS MISIONES JESUITAS EN TERRITORIOS DE LA MATA ATLÁNTICA Y LA PAMPA

Recebido em: 21/08/2025
Aceito em: 04/09/2025
Publicado em: 24/05/2026

Tuani de Cristo[1]
Universidade do Vale do Taquari

Luís Fernando da Silva Laroque[2]
Universidade do Vale do Taquari

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar como a formação das reduções jesuítas e as mudanças nas dinâmicas sociais e políticas dos indígenas Guarani, causaram impactos ambientais em territórios dos biomas da Mata Atlântica e do Pampa nos séculos XVII e XVIII. A investigação utilizou-se de cartas ânuas e demais escritos realizados pelos padres jesuítas, fundamentando-se na abordagem da História Ambiental para analisar os eventos registrados na documentação. Nos registros destacaram-se ataques de formigas as plantações das missões que causaram perturbações no cotidiano missioneiro.

Palavras-chaves: Missões; Guarani; Mata Atlântica; Formigas.

Abstract: This article aims to present how the formation of Jesuit reductions and the changes in the social and political dynamics of the Guarani indigenous people caused environmental impacts in territories of the Atlantic Forest and Pampa biomes in the 17th and 18th centuries. The investigation used annual letters and other writings produced by Jesuit priests, based on the approach of Environmental History to analyze the events recorded in the documentation. The records highlighted ant attacks on the missions' crops, which caused disturbances in the daily life of the missionaries.

Keywords: Missions; Guarani; Atlantic Forest; Ants.

Resumen: Este artículo busca presentar como la formación de las reducciones jesuitas y los câmbios en la dinâmica social y politica del Pueblo indígena guaraní causaron impactos ambientales en territorios de los biomas de la Selva Atlántica y la Pampa durante los siglos XVII y XVIII. La investigación utilizo cartas anuales y otros escritos de sacerdotes jesuitas con base en el enfoque de la Historia Ambiental, para analizar los eventos registrados en la documentación. Los registros destacaron ataques de hormigas a las plantaciones de las misones, lo que perturbó la vida cotidiana de los misioneros.

Palabras clave: Misiones; Guaraní; Selva Atlántica; Hormigas.

[1] Doutora em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari – Univates. Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento e Graduação em Licenciatura em História pela Universidade do Vale do Taquari – Univates. tuanidecristo@gmail.com

[2] Doutorado em História pela Universidade do Rio do Sinos – UNISINOS. Docente na Universidade do Vale do Taquari – Univates. lflaroque@univates.br

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

INTRODUÇÃO

A colonização ibérica na América ocorreu por meio de processos de violência física e cultural contra os povos nativos do continente. O amplo território desconhecido para os europeus até o século XV, não só era habitado por centenas de povos distintos em suas línguas, cosmologias, organizações políticas, sociais e econômicas, assim como era formado por uma diversidade ambiental pouco vista até então pelos homens oriundos do outro lado do Oceano Atlântico.

A imensidão verde e colorida formada pelas florestas tropicais e subtropicais, vastos campos, imensos rios, sons de animais refletem um pouco do que portugueses e espanhóis encontraram nestes territórios. A América do Sul, por exemplo, é composta pela Amazônia, Chaco, Pantanal, Pampa, Mata Atlântica, Caatinga, dentre outros complexos ecológicos que dão vida a diversidade ambiental e cultural destas regiões.

A Coroa Espanhola visando dar seguimento a colonização destes territórios utilizou-se de estratégias burocráticas para melhor administrar esta imensa área de terras e recursos. A configuração administrativa dos territórios colonizados pela Coroa Espanhola foi dividida em Vice-Reinos da Nova Espanha de 1535 e Vice-Reino do Peru em 1543. No século XVIII foram formados mais dois Vice-Reinos, o de Nova Granada de 1717 e do Rio da Prata de 1776 (Kern, 1982; Elliott, 2012). A exploração dos recursos ocorreu por meio de escravização e pagamentos de tributos por parte dos povos indígenas para explorar os recursos minerais, florestais, da agricultura e criação de gado.

Neste contexto de encontro e desencontros socioculturais, o século XVI foi repleto de revoltas indígenas contra a violência, trabalhos forçados, epidemias, desestruturações político-sociais geradas pelos colonizadores espanhóis. Os indígenas da etnia Guarani, um dos povos de maior abrangência territorial da América do Sul, fizeram parte das revoltas contra a violência colonizadora. Segundo pesquisas arqueológicas os Guarani são oriundos de áreas próximas aos rios Madeira-Guaporé, região sudeste da Amazônia (Noelli, 1999/2000). Por uma série de motivações, tais como crescimento demográfico, necessidade de buscar mais recursos ecológicos e por conflitos políticos, os Guarani se expandiram por uma vasta área territorial na América do Sul. De modo que ocuparam distintas áreas ecológicas nos países da Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil (Noelli, 1999/2000; Noelli, 2016).

A partir desta expansão colonizadora, um dos territórios para os quais os Guarani se movimentaram configura a Bacia Hidrográfica do Rio Uruguai, onde se instalaram em

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

ambientes da Mata Atlântica e do Pampa. Séculos mais tarde, estas áreas seriam invadidas por colonizadores ibéricos, com os quais os Guarani estabeleceram relações de conflitos e alianças.

As embarcações ibéricas chegaram na América patrocinadas e organizadas por suas monarquias, com interesses comerciais e colonizatórios, mas também carregavam os desejos da Igreja Católica de buscar novos fiéis. Questão que se intensificou a partir das reformas religiosas que ocorreram na Europa durante o século XVI e a consequente diminuição de fiéis.

A Companhia de Jesus, ordem religiosa da Igreja Católica, desembarcou nas terras administradas pela Coroa Espanhola em meados do século XVI, cujo projeto consistia em catequizar os povos indígenas e inseri-los no modo de vida colonial (Kern, 1982; Barcelos, 2000; Martins, 2006). Com base nisso, os jesuítas penetravam em regiões que o Estado colonial espanhol pouco conseguira avançar, a exemplo de territórios mais longínquos, como é o caso, do Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai. A área que configurou a Província Jesuítica do Paraguai se estendia por territórios desde o Peru, Bolívia, Brasil e Argentina até o Oceano Atlântico (Martins, 2006):

> Limitava-se, portanto, ao norte, com a capitania de São Vicente, pois a linha imaginária que separava os territórios de Portugal passava sobre o Iguape, no atual estado de São Paulo; ao sul, com o rio da Prata; a leste, com o oceano Atlântico e, a oeste, com a província de Tucumán, atualmente território argentino (Martins, 2006, p. 13).

O modelo adotado pelos jesuítas foi o da missão por redução. Por meio, de alianças com os povos indígenas, dentre os quais, os Guarani, padres e povos nativos, construíram estruturas semelhantes às cidades espanholas, com igrejas, casas, poços de águas, plantações, armazéns e domesticação de animais. Nestes espaços os jesuítas tinham como objetivo catequizar os indígenas na religião Católica e ao mesmo tempo inseri-los no modelo de vida colonial. Quer dizer, as missões jesuíticas visavam uma transformação política, econômica e nas crenças dos povos indígenas.

Indígenas e colonizadores tinham modos diferentes de se relacionar com os "recursos ambientais". Para os povos indígenas, a relação não se dava entre humanos e riquezas a serem exploradas, mas uma relação humanos e extra-humanos, já que plantas, animais, corpos celestes e acidentes geográficos eram sujeitos com cultura, crenças e ações que agiam nas cosmologias destes povos, como demonstram os estudos do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2002) sobre o "Perspectivismo Ameríndio".

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Para os colonizadores, a relação foi de exploração, com vistas a produzir riquezas e ocupar novos territórios, com base no seu modelo político-econômico. As transformações ambientais não foram sentidas apenas séculos depois, mas os próprios sujeitos históricos registraram os impactos ambientais observados nas colônias.

Com base nestes elementos, o objetivo do presente artigo consiste em analisar alguns destes impactos ambientais causados pela formação das missões jesuítas em territórios dos biomas da Mata Atlântica e Pampa no espaço que ficou conhecido como Província Jesuítica do Paraguai nos séculos XVII e XVIII. A metodologia utilizada caracteriza-se por uma análise qualitativa de cartas ânuas e outros escritos realizados pelos padres jesuítas. A pesquisa se fundamenta na abordagem da História Ambiental para analisar, principalmente, a atuação de formigas sobre as plantações realizadas nas missões.

AS MISSÕES JESUÍTAS E OS BIOMAS DA MATA ATLÂNTICA E DO PAMPA

A questão ambiental está na agenda do século como, por exemplo, a COP 2030, alimentando discussões que podem ser lidas em revistas científicas, programas de televisão, jornais, mas principalmente podem ser sentidas no cotidiano das pessoas, independente da classe social, gênero, religião ou país. É evidente que alguns países sofrem de maneira mais intensa e imediata os efeitos das mudanças climáticas aceleradas pela ação do homem. Os povos indígenas que vivem nas regiões mais afetadas por explorações econômicas, a exemplo da extração de madeira e minérios, são atingidos de modo direto pelas transformações ambientais causadas por uma economia dilapidadora que pouco tem a contribuir para o desenvolvimento social e econômico de um país.

Estudar o passado, guardadas as proporções, permite problematizar situações parecidas a que vivenciamos atualmente e que foram enfrentadas por distintos povos em diferentes momentos. Investigações da História Ambiental tem evidenciado que a exploração colonial, empreendida pelos colonizadores europeus na América, gerou impactos ambientais imediatos, muitos dos quais foram registrados nos documentos. Neste sentido, a História Ambiental possibilita demonstrar que os processos históricos, independente dos povos, culturas, tempo ou região, se constituíram a partir da coevolução entre humanos, demais animais, plantas, microrganismo, biomas, ecossistemas, dentre outros (Cabral, 2014c).

As missões jesuíticas também se constituíram a partir destas relações com os ambientes que se encontravam inseridas. Cada parede arquitetada, ferramentas, móveis e roupas confeccionados se compuseram por meio, das relações entre humanos e extra-humanos, sejam

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

eles animais, plantas, fatores abióticos ou mesmo divindades. Com base na abordagem da História Ambiental, a análise das fontes possibilita demonstrar como animais, plantas, climas, dentre outros também integraram os espaços missionais, tornando-se agentes históricos e não apenas um cenário para o fazer histórico dos humanos.

Entendemos que as missões jesuíticas na Província Jesuítica do Paraguai se constituíram economicamente devido a ação das florestas tropicais e dos campos pampianos. Quer dizer, estes ambientes ecológicos não foram meros cenários para o desenvolvimento humano, mas também agentes onde os demais seres vivos se relacionaram com padres jesuítas e com os indígenas Guarani que viviam nas missões.

A América do Sul, situada na região neotropical e nas zonas climáticas denominadas de Tropical, Subtropical e uma parte menor, ao sul do continente, configura na zona Temperada. Geologicamente a Província Jesuítica do Paraguai esteve localizada na Bacia do Rio da Prata, uma das mais extensas do planeta, abrangendo territórios dos atuais países da Bolívia, Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai (Zeni, 2018). Os principais rios que formam a bacia platina são os rios Paraguai, Paraná, Uruguai[3] e seus afluentes[4], os quais percorrem os territórios onde foram construídas as reduções jesuíticas nos séculos XVII e XVIII (Barcelos, 2000).

Segundo ainda Barcelos (2000), tanto os espaços missionais como a formação das cidades seguiram a legislação e ordenamentos determinados para a povoação dos territórios das Índias, por isso, os primeiros núcleos urbanos e de modo geral, todas as reduções situaram-se nas proximidades dos cursos hídricos, como é possível observar nos mapas abaixo.

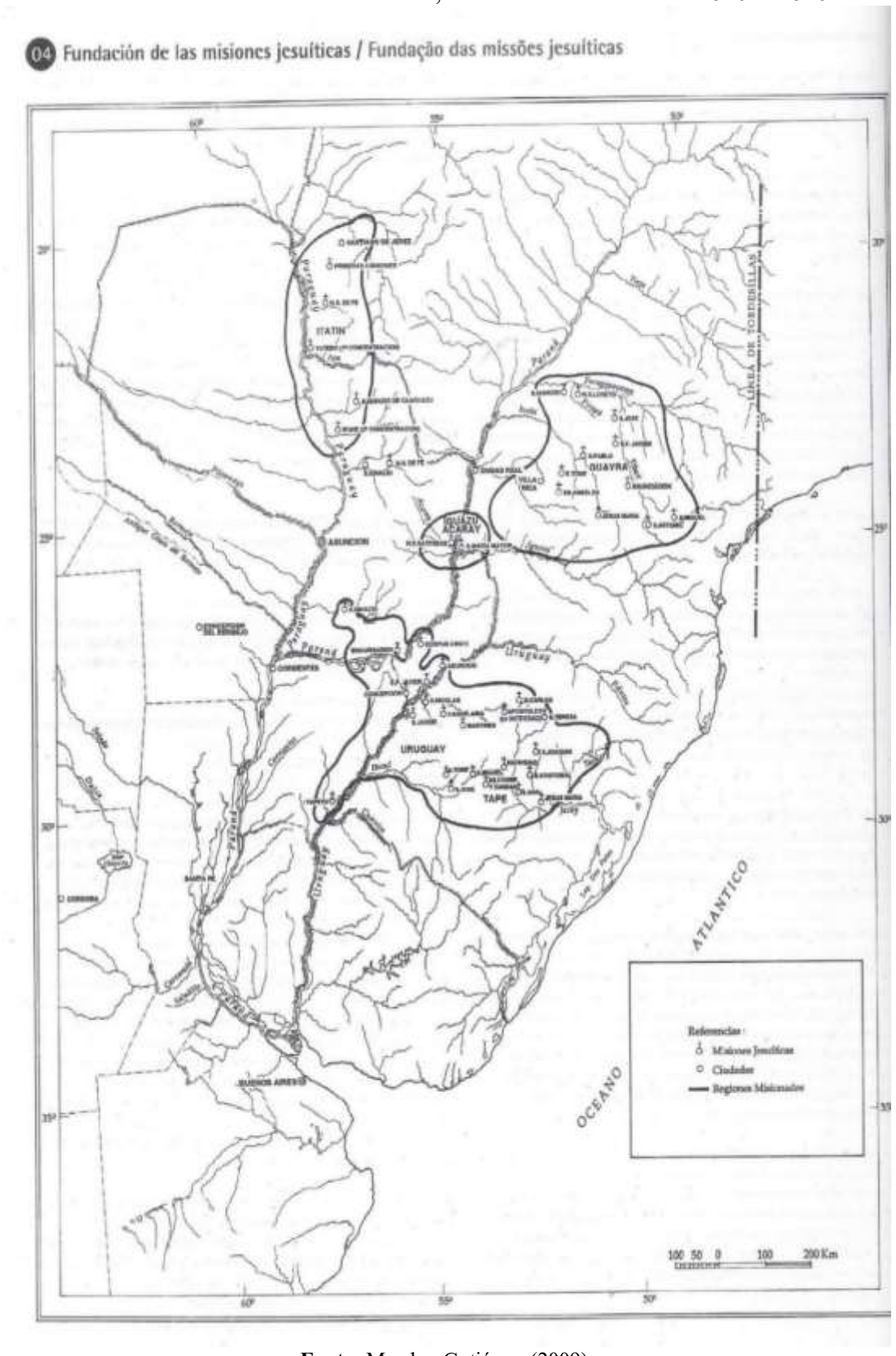
[3] Quando os rios Paraguai, Paraná e Uruguai se encontram formam o rio da Prata que desagua no Oceano Atlântico (CUARTO informe Nacional, 2010). O rio Paraguai possui cerca de 2.621 km de extensão e é um dos limites entre Brasil, Paraguai e Bolívia. Já o rio Paraná com uma extensão de 2.739 km é formado pelo encontro dos rios Grande e Parnaíba, limitando Argentina, Brasil e Paraguai. Por fim, o rio Uruguai é formado pelo encontro dos rios Canoas e Pelotas, com uma extensão de 1.770 km, limita os estados brasileiros de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Neetzow, 2012).

[4] Para além deste complexo hidrológico situado na superfície, a Bacia do Prata também abriga o Aquífero Guarani, um dos maiores reservatórios de água doce (Zeni, 2018).

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

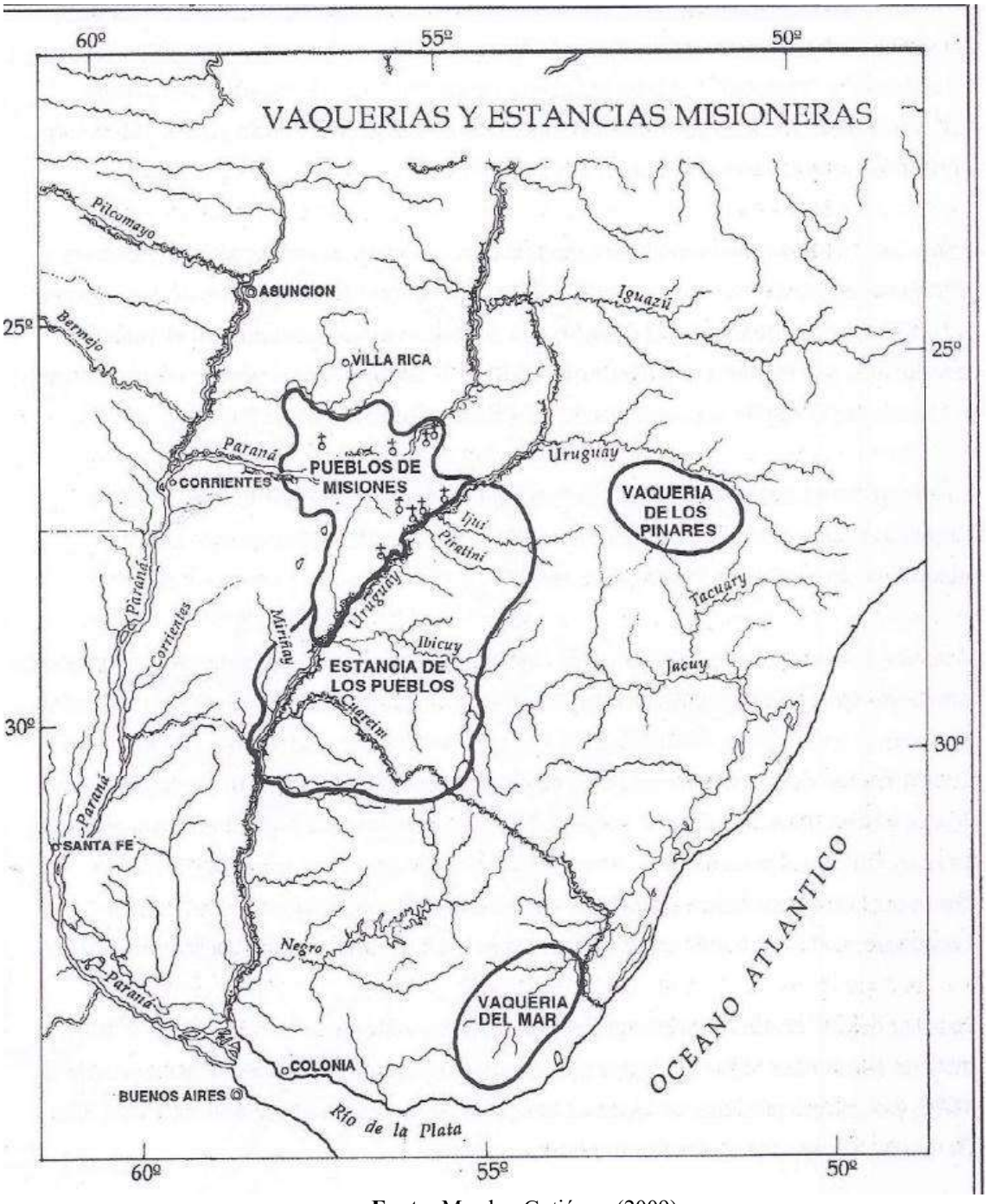
IMAGEM 1 – MAPA: MISSÕES JESUÍTICAS ERGUIDAS EM TERRITÓRIOS DA PROVÍNCIA DO PARAGUAI, ENTRE OS ANOS DE 1610 E 1640



Fonte: Maeder, Gutiérrez (2009).

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

IMAGEM 2 – MISSÕES JESUÍTICAS ERGUIDAS EM TERRITÓRIOS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL/BRASIL A PARTIR DE 1682



Fonte: Maeder, Gutiérrez (2009).

Na presente pesquisa trabalhar-se-á com as missões jesuíticas instaladas nos biomas da Mata Atlântica e do Pampa, situadas nas margens direita e esquerda do Rio Uruguai. Território que abrange os atuais países da Argentina, Brasil e Uruguai, conforme pode ser observado nos mapas 1 e 2.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Segundo a classificação do IBGE (2019), a Mata Atlântica é formada por vegetação de florestas, das quais fazem parte as formações de Floresta Ombrófila Densa, Floresta Ombrófila Mista, Floresta Estacional Decidual e Floresta Estacional Semidecidual, assim como manguezais, restingas e campos sulinos.[5] A variedade de relevos, regimes de chuvas e fitofisionomias são fatores que contribuem para a grande biodiversidade dos ecossistemas que a integram (Pinto *et al.,* 2006). Em determinado período, a Mata Atlântica ocupou cerca de 40% dos territórios do atual estado do Rio Grande do Sul no Brasil, onde podem ser encontrados grande parte dos ecossistemas que configuram a domínio da Mata Atlântica (Marcuzzo; Pagel; Chiapetti, 1998). O clima em territórios ocupados pela Mata Atlântica é de característica subtropical, com temperaturas entre 17°C e 24°C e chuvas bem distribuídas ao longo do ano.

Em territórios argentinos, por exemplo, a Mata Atlântica, denominada de *Selva Paranaense* se estende até a Província de *Misiones*, região situada ao nordeste do país. A fitofisionomia característica da região é a Floresta Estacional Semidecidual, a qual apresenta uma grande variedade de espécies animais e vegetais (Di Bitetti; Placci; Dietz, 2003; Cuarto informe Nacional, 2010). O clima também é quente e úmido, com temperatura média de 20ºC e chuvas bem distribuídas ao longo do ano (Cuarto informe Nacional, 2010).

Nos territórios brasileiros e argentinos, a Floresta Ombrófila Mista ou Floresta de Araucárias se faz presente nas altitudes mais elevadas, compondo uma das principais características destas paisagens (Behling et al., 2009; Cuarto informe Nacional, 2010; IBGE, 2019). No sul do Brasil, em áreas de Planalto a paisagem é formada por um mosaico de campos de altitude e Florestas de Araucárias, segundo Behling et. al (2009), ambientes que interagiram não apenas com os povos indígenas que viviam nestas regiões conforme foi o caso dos Guarani, Kaingang e Laklãnõ/Xokleng[6], mas também com as missões jesuíticas que foram construídas nestes territórios. Já os campos subtropicais que formam as regiões fisiográficas da Depressão Central, Serra do Sudeste e a Campanha se assemelham aos pampas que configuram o Uruguai e a Argentina (Behling *et al.,* 2009).[7]

O bioma Pampa[8], palavra indígena que significa região plana (Pádua, 2009), é classificado como vegetação de estepes no sistema internacional e compõe a maior parte do

[5] Os Campos Sulinos são encontrados na Mata Atlântica e no Pampa (IBGE, 2019).
[6] Os povos Kaingang e Laklãnõ/Xokleng diferentemente dos Guarani pertencem ao Tronco Linguístico Macro-Jê.
[7] É importante salientar que na classificação internacional, a Mata Atlântica assim como a Floresta Amazônica é considerada um domínio que integra o bioma de Floresta Tropical e Subtropical Úmido (FIGUEIRÓ, 2015).
[8] Na classificação internacional, o Pampa é considerado uma ecorregião do bioma de Savanas e Campos Temperados, dividido em seis ecorregiões: pampa Brasil-Uruguai, savana mesopotâmica, savanas inundáveis, espinhal, pampa úmida e pampa semiárida (Figueiró, 2015). Segundo o sistema internacional, as ecorregiões que

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

território do Rio Grande do Sul e se estende para o Uruguai e Argentina, formando os Pampas Sul-Americanos que limitam-se ao norte com a Mata Atlântica e a oeste com o Chaco e as Estepes da Patagônia (IBGE, 2019). O referido bioma é formado por vegetação de gramíneas, plantas rasteiras, arbustos e algumas formações florestais (Kuplich; Capoane; Costa, 2018).

De acordo com a classificação realizada pelo IBGE (2019), o Pampa sul-rio-grandense não se caracteriza por períodos secos, porém convive com altas e baixas temperaturas e ocorrência de geadas que ocasionam evapotranspiração e ocasionalmente períodos de secas. As consequências destes períodos inesperados de secas foram relatadas pelos jesuítas em diversos momentos. Na Argentina, os territórios pampianos são classificados como de clima temperado úmido e subúmido, com temperaturas que variam entre 15ºC e 18ºC, com chuvas distribuídas ao longo do ano (Cuarto informe Nacional, 2010).

A vegetação campestre formada por gramíneas e herbáceas do Pampa, com presença de florestas, são áreas de forrageio, isto é, propícias para a pastagem de animais, desde que de modo sustentável[9] (Behling *et al.,* 2009). Os padres jesuítas, assim como os colonos espanhóis introduziram o gado vacum, cavalar e ovino nestes territórios, além de outros animais e plantas, as quais transportaram de outros continentes, gerando transformações ambientais.

Estes são dois ambientes ecológicos com os quais os jesuítas se relacionaram ao longo dos séculos XVII e XVIII. É importante ressaltar que o recorte da presente pesquisa se limita as missões instaladas nas proximidades do Rio Uruguai, mas o território ocupado pelos colonizadores espanhóis e os jesuítas foi muito mais amplo, os quais eram configurados por outros ecossistemas e biomas.

As missões jesuíticas construídas nas margens direita e esquerda do Rio Uruguai foram *San Carlos*, *San Nicolás*, *San Miguel*, *Santa María la Mayor*, *Mártires del Japón*, *San Francisco Javier*, *Concepción*, *Santo Thomás*, *Reyes Magos* (*Yapeyú*) (Carta Ânua da Província Jesuítica do Paraguai, 1659-1662. *In*: Frazen, Fleck, Martins, 2008). Acrescenta-se a jurisdição de Buenos Aires os espaços missionais de *San Borja*, *San Juan Baptista*, *Santo Ángel*, *San Lorenzo*, *San Luiz* e *La Cruz*[10], formadas posterior ao documento citado ser redigido.

Para melhor analisar as transformações ambientais registradas nas cartas escritas pelos padres jesuítas, optou-se por trabalhar com dois espaços missionais, *Yapeyú* e *San Miguel*.

configuram os territórios que abordamos na Frene Missionária do *Uruguay* são o pampa Brasil-Uruguai e a savana mesopotâmica.

[9] Quer dizer, não da forma predatória que a pecuária e agricultura têm sido realizadas atualmente nestes territórios.

[10] *La Cruz* já existia, mas passou por um período de junção com *Yapeyú*.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Yapeyú foi uma das maiores e mais importantes missões erguidas na Província Jesuítica do Paraguai. A referida redução esteve situada em territórios do bioma Pampa, na margem direita do Rio Uruguai, atual Argentina. Sua localização foi importante no período, pois facilitou a conexão de caminhos terrestre e por água entre as demais reduções e a cidade de Buenos Aires (Rogge *et al.,* 2020). Possuiu estâncias nas duas margens do Rio Uruguai, onde foram domesticados milhares de cabeças de gado vacum, além do cultivo de alimentos para sustentar os indígenas Guarani que trabalhavam na estância e na parte urbana da redução (Serres, 2018; Rogge *et al.,* 2020). Situada no bioma Pampa, sua estância principal esteve localizada na margem esquerda do rio Uruguai[11], a qual acessou áreas de campos de gramíneas, cursos d'água que auxiliavam na domesticação de animais e também no manejo de madeira das Florestas Estacional Decidual que configuram em ambas às margens do referido rio[12].

Segundo o padre Antônio Sepp (1951), os campos onde estava situada a redução de *Yapeyú* eram propícios para a domesticação do gado, pois tinham acesso a pastagem ao longo de todo o ano. Estes elementos demonstram a importância do Pampa na relação entre jesuítas e indígenas, pois a domesticação de animais visava a sustentação da economia missioneira. Além da sustentação econômica, a domesticação possibilitava que os indígenas exercessem relações semelhantes à de caça, prática que integrava o modo de vida destes povos, mas que não era bem vista pelos jesuítas. Pois, quando os indígenas se dirigiam para as matas e campos com o objetivo de caçar poderiam não retornar para as missões ou cometer os pecados condenados pela Igreja Católica (Baptista, 2015; Felippe, 2013).

Mas, nem tudo era positivo neste ambiente. Segundo os registros do padre Antônio Sepp (1951), a redução jesuítica de *Yapeyú* sofreu com avanços de insetos sobre as roças cultivadas:

> A vinha é tão grande, que bem daria uns 50 baldes, mas êste ano não deu tanta uva que desse para duas sobremesas. A causa são os muitos inimigos, por exemplo as formigas. Embora oito rapazes indígenas andem à cata das formigas, e as queimem duas vêzes por dia diante dos olhos, devoram tudo. Além disso há vespas e passarinhos, como pombas selvagens; logo que as bagas tomam côr, tudo dá em cima. Sobretudo prejudica muito o vento norte quente, que sopra na direção do meio-dia. Tive êste ano muito trabalho com a vinha, eu mesmo podei as vides e mandei que os índios pôr diversas capinassem o raizame. Foi tudo em vão. Pôr êsses motivos é o vinho aqui tão caro, custando o balde 24 a 30 Reichstaler. Demais, é muito insalubre, por causa do gesso e da cal, que nêle despejam para torná-lo mais durável, porque, do contrário, virava logo em vinagre (Sepp, 1951, p. 116).

[11] Atual Estado do Rio Grande do Sul/Brasil.

[12] O espaço missional de *Yapeyú* integrou territórios da Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul no Brasil.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

De acordo com o fragmento, as formigas causaram sérios danos às vinhas cultivadas na redução, de modo que foi necessário que meninos indígenas buscassem os formigueiros para eliminá-los através do fogo. Outros animais também se alimentaram das plantações realizadas, a exemplo de pássaros e vespas.

Outra redução que enfrentou problemas com o avanço das formigas sobre as suas plantações foi *San Miguel*. A missão jesuítica de *San Miguel* foi fundada no ano de 1687, na margem esquerda do Rio Uruguai, atualmente territórios do Brasil.[13] A composição ecológica dos territórios ocupados pela redução de *San Miguel* é formada em grande parte pelo Pampa e uma área menor pela Mata Atlântica. Portanto, sua paisagem se configura por campos e Floresta Estacional Decidual (Fuhr, 2013). *San Miguel* assim como *Yapeyú* possuiu ricas estâncias utilizadas para a domesticação de animais e cultivos de campos de algodão, erva-mate, dentre outros (Sepp, 1951; Serres, 2018; Rogge *et al.,* 2020).

De acordo com o relato realizado pelo padre Antônio Sepp (1951), o ataque das formigas, somados a infertilidade do solo e ao grande número de habitantes em *San Miguel*, foi derradeiro para a construção de um outro espaço missional, mais tarde denominado de *San Juan Baptista*. Este foi ocupado por parte das famílias indígenas Guarani que viviam em *San Miguel*:

> Reunidos os índios principais, expus-lhes o pensamento do R. Pe. Provincial: a saber, que se devia dividir a povoação por causa do grande número de habitantes, os quais já nem a Igreja comportava; nem dois padres poderiam instruir convenientemente o povo na doutrina cristã, quanto menos um só; não podiam governá-los por mais tempo com facilidade; além disso, começavam a faltar nos arredores os campos para o cultivo, pois tornavam-se estéreis com o contínuo amanho de tão longos anos; mesmo a maior parte deles estava tomada pelas formigas que devastavam tudo, não eram bem adequados para a sementeira, etc. Emigrassem, portanto, de suas vivendas e barracas; se tivessem algumas pessoas caras, abandonassem-nas por amor a Deus, como por amor dele eu abandonara a pátria, meus pais, irmãos, irmãs e campos (Sepp, 1951, p. 187).

Padre Antônio Dobrizhoffer (1967) reforçou a narrativa de Sepp (1951) de que as formigas foram talvez um dos principais "inimigos" dos jesuítas e demais colonizadores que se estabeleceram nos territórios da América:

> *El número de los viñedos es extraordinariamente exiguo en toda Paracuaria, pues, aunque clima y suelo son especialmente favorables a las vides, las hormigas aquí en el país causan terribles devastaciones y comen sus raíces desde el suelo. Los españoles que, como los Alemanes, saben beber y plantar excelentemente, han*

[13] O atual sítio arqueológico da redução jesuítica de San Miguel é reconhecido pela UNESCO como patrimônio histórico Mundial e está localizado no município de São Miguel das Missões, estado do Rio Grande do Sul/Brasil.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> *renunciado al cultivo de la vida, porque éste no les paga en ningún año el trabajo empleado en el. Aun si las hormigas fueran exterminadas por una feliz casualidad pues nada pueden aquí los medios artificiales, las palomas silvestres y los ejércitos de avispas comerían en seguida las uvas* (Dobrizhoffer, 1967, p. 111-112).

O padre Dobrizhoffer (1968) descreveu as diferentes espécies de formigas habitantes da Província do Paraguai e como elas causaram problemas para os humanos, além de se alimentarem das roças "*Las más pequeñas de todas las hormigas, de color rojo, son las más peligrosas y mordaces. Buscan al azúcar, la miel y cualquier Dulce, como el imán al hierro*" (Dobrizhoffer, 1968, p. 255-256).

Dobrizhoffer (1968) também descreveu as formigas que formavam estruturas subterrâneas de tamanha envergadura que poderiam fazer desmoronar uma casa:

> *A estas tan pequeñas le siguen otras hormigas muy grandes que tuve oportunidade de ver. Los guaraníes las llaman Jzau, y constituyen un verdadero peligro, no para el cuerpo humano sino para los edificios debajo de los cuales se establecen. Bajo los templos, bajo las casas hacen com gran trabajo unos laberintos. Cavan profundamente la tierra realizando sinuosos meandros, y transladan afuera la tierra desenterrada. A veces, les crecen alas especialmente cuando presienten las tormentas, y vuelan en turba; y con la misma desdicha con que en otro tiempo Icaro cayó al mar, éstas, mojadas sus alas por la lluvia, a diferencia de aquél, caen en tierra y mueren. Cuantos más alto se han elevado, más rápidamente caen [...] El agua de las precipitaciones penetra por aquellas aberturas por las que circulan las hormigas. Esta gruta y la tierra que sostiene las casas es removida. Los pilares que sostienen los muros, el techo y las vigas vacilan primero y, si no se las apuntala enseguida, caerán junto con la casa [...] Nuestra casa y el templo adyacente sufrieron muchas molestias y peligros. A veces no podía usarse por varios días el altar principal. Em tiempo lluvioso las hormigas que habían estado escondidas salían de sus antros en largas fila y volaban; pero como no soportaban volar por mucho tiempo, caían y ensuciaban al sacerdote, al altar y a los vasos sagrados. Si se les cerraba con cuidado alguna de las diez puertas por las que salían de sus cuevas, al día siguiente habían abierto otras veinte* (Dobrizhoffer, 1968, p. 256-257).

Os registros dos padres Sepp (1951) e Dobrizhoffer (1968) deixam evidente os problemas gerados pelas formigas aos cultivos realizados nas missões. Contudo, é preciso dizer que as transformações empreendidas pelo modelo econômico colonial podem ter influenciado no avanço desses insetos. No primeiro caso citado por padre Sepp (1951) em relação aos vinhedos da redução de *Yapeyú*, existem alguns aspectos importantes. O primeiro, é que o padre reclama que são as uvas as mais atacadas por formigas, mas também por outros animais.

Os territórios da Bacia do Rio da Prata apresentam características propícias para o cultivo de uva, principalmente nos territórios pampianos próximos ao Uruguai (Neetzow, 2012). É claro, que não se deve desconsiderar que existem diferentes espécies de uva, o que

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

influencia no ambiente de preferência, pois o tipo de solo, a quantidade de sol e de chuvas são fatores fundamentais no sucesso ou insucesso na adaptação das espécies.

Foi a partir das ordens religiosas que atuaram nas colônias espanhola e portuguesa que as espécies de uvas foram introduzidas na América (Leão, 2010). Segundo Leão (2010), as uvas introduzidas pelos jesuítas em territórios do atual Rio Grande do Sul/Brasil não se adaptaram bem ao clima, somente a partir da colonização italiana, no século XIX, e a inserção de diferentes tipos de uva é que a viticultura se desenvolveu.

Estes indícios documentais e pesquisas evidenciam que não foram todas as espécies transportadas pelos europeus que se adaptaram aos ambientes da América, pois existem diferentes biomas, com climas, solos, hidrografias, espécies de animais e vegetais que formam este continente (Cabral, 2014c). Portanto, a adaptação das espécies ocorreu a partir de suas lutas com as espécies nativas e pelo manejo humano, facilitando ou não as suas aclimações.

Para além das adaptações ao clima e solo, as espécies introduzidas pelos colonizadores precisaram lidar com os predadores nativos, a exemplo das diversas espécies de formigas. A transformação dos *habitats* destes insetos pode ter facilitado seus avanços sobre as plantações realizadas, principalmente aquelas roças que seguiam os moldes europeus e traziam espécies exóticas.

Além disso, a formação dos espaços missionais gerou transformações no modo como os indígenas se relacionavam com os ambientes. Era preciso cultivar e extrair alimentos e matérias-primas em grandes quantidades devido ao modelo político-econômico das missões. Isto é, algumas missões, em determinados períodos, registraram milhares de indígenas vivendo em suas cercanias, embora este número variasse bastante, já que os indígenas se movimentavam entre as missões, mas também abandonavam ou retornavam para os espaços missionais constantemente. Soma-se a isto, a necessidade de pagar os impostos a Coroa Espanhola e a necessidade de produzir excedentes para armazenar visando momentos difíceis – como guerras ou problemas com as colheitas -, assim como era preciso utilizar dos produtos cultivados também para o mercado interno, ou seja, trocar por produtos que não era possível produzir nas missões.

Sendo assim, as transformações ambientais são inevitáveis, contudo alguns modelos de relações com o ambiente podem gerar maior impacto negativo. Deste modo, formigas e aves buscavam nas roças cultivadas nos espaços missionais os alimentos que antes da mudança dos ambientes, elas obtinham nas florestas ou campos. Ou seja, de modo algum, pode-se dizer que

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

estes insetos e aves eram “pragas ambientais”, a questão é que os humanos introduziram em seus *habitats* outras espécies, das quais eles precisaram se alimentar.

É claro que as formigas e outros animais nativos também se alimentavam das roças cultivadas pelos povos indígenas antes da colonização europeia. Entretanto, o modelo político, econômico e social era mais heterogêneo e produzia impactos nocivos menores aos ambientes, de modo que as formigas não eram um problema que poderia causar grandes perdas em suas plantações.

Os povos indígenas realizavam roçados em meio as florestas, isto é, abriam clareiras e introduziam algumas espécies de sua preferência e colhiam aquilo que necessitavam, pois se fundamentavam em uma variada alimentação a partir do cultivo, caça, pesca e coleta (Cabral, 2014a; Cabral, 2014b; Cabral, 2014c). Isto é, não dependiam somente das espécies manejadas e cultivadas, havia vastas possibilidades. Porém, nas reduções as necessidades econômicas geraram dependência dos indígenas e padres em relação ao que era produzido. Por isso, adversidades ambientais causavam danos e eram constantemente registradas pelos padres em cartas, diários ou relatórios.

Outra característica importante do modo de cultivo realizado pelos Guarani e demais povos indígenas precedente a colonização, diz respeito a colheita. Por exercerem diferentes práticas de aquisição e cultivos de alimentos, os indígenas costumavam coletar apenas o que necessitavam, deixando nos roçados frutos, ervas, raízes nestas roças, as quais eram consumidas por outras espécies, a exemplo de pássaros, roedores e insetos (Cabral, 2014c). Inclusive, as aves e roedores, conforme demonstram diversos estudos, transportavam as sementes para outros ambientes, contribuindo para a expansão de determinadas espécies para outros ambientes (Cabral de Oliveira, 2020; Neves, 2020). Quer dizer, a diferença está no modo como estas roças foram se modificando de acordo com as necessidades da economia missioneira e a dependência dos grupos que viviam nas reduções.

Ao mesmo tempo, as plantas manejadas e cultivadas que não eram coletadas por humanos ou consumidas pelos animais, permanecia como um estoque de alimentos em meio as trilhas, matas e campos para todos os sujeitos que habitavam ou passavam pelo local, de modo que estas áreas se configuravam como “armazéns”.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Com este modelo menos impactante ao ambiente, os Guarani conviviam com as demais espécies. Os territórios neotropicais[14], possuem uma das maiores diversidades de formigas do planeta, inseto que não habita apenas a Antártica e o Ártico (Baccaro *et al.,* 2015). As espécies *Atta sexdens* (saúva), *Cephalotes atratus*, *Dolichoderus bidens* habitam quase todos os territórios do Brasil, portanto foram descritas pelos primeiros viajantes naturalistas logo nos primeiros séculos (Baccaro *et al.,* 2015). Estima-se que entre 30% e 50% da biomassa da Floresta Amazônica seja formada por formigas, o que demonstra o poder de ação destes insetos que na maior parte do cotidiano passa desapercebido aos olhos humanos (Baccaro *et al.,* 2015).

Outro ponto importante a se destacar é que algumas espécies de formigas, a exemplo das cortadeiras que fazem parte do gênero *Atta* ou *Acromyrmex*, apresentam um comportamento agricultor. E cruzando a bibliografia com os dados documentais retirados das descrições dos padres Sepp (1951) e Dobrizhoffer (1968) é possível inferir que as formigas que mais causaram problemas as roças das missões pertenciam as espécies cortadeiras.

Uma característica importante das espécies que integram estes gêneros é que elas cultivam fungos em seus ninhos, dos quais se alimentam (Cabral, 2014a; Cabral, 2014b; Baccaro *et al.,* 2015). Para alimentá-lo, as formigas transportam folhas e outras partes dos vegetais para o ninho, onde as formigas operárias preparam o alimento. O fungo serve de alimento para as larvas que seguirão se metamorfoseando até alcançar a fase adulta. Quer dizer, as formigas que carregam as folhas não se alimentam diretamente do que transportam para os ninhos e nem do fungo, estas consomem a seiva que emerge do corte das folhas (Cabral, 2014a; Cabral, 2014b; Baccaro *et al.,* 2015).

Segundo Cabral (2014a; 2014b), as formigas cortadeiras tendem a expandir suas colônias quando as áreas foram desflorestadas para a realização de algum tipo de atividade:

> Mais exatamente, os pesquisadores têm reportado densidades elevadas de cortadeiras em (1) áreas de vegetação transformada, como pastos e lavouras, (2) matas secundárias em estágio inicial de regeneração, (3) bordas de grandes áreas de floresta madura e (4) remanescentes florestais isolados (Cabral, 2014a, p. 488).

Padres Sepp (1951) e Dobrizhoffer (1968) relataram que as formigas eram um problema nas roças das reduções, quer dizer, em áreas que foram modificadas para o cultivo. Nestes ambientes modificados, as formigas avançam rapidamente e mais do que isto, as plantas estão

[14] Estima-se que existam mais de 13.000 espécies de formigas no planeta, das quais 3.000 estão presentes somente na região neotropical (Baccaro et. al, 2015).

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

sem mecanismos de defesa contra predadores, principalmente quando são espécies pioneiras que crescem rapidamente, como o pasto e também algumas espécies exóticas que não estão acostumadas com os predadores desconhecidos, a exemplo das saúvas (Cabral, 2014a).[15]

No entender de Cabral (2014a; 2014b) as formigas cortadeiras causaram grandes empecilhos aos avanços dos colonizadores portugueses em territórios que atualmente configuram o Brasil, no período colonial. E, conforme é possível averiguar a partir das narrativas dos jesuítas que atuaram em territórios colonizados pela Coroa Espanhola, estes insetos também exerceram um papel destaque nos espaços missionais.

Em outros momentos, o problema causado pela expansão destes insetos se somou à infertilidade da terra já desgastada pelo uso, a exemplo do que ocorreu na missão de *San Miguel*. Entretanto, o mais impressionante é que a missão de San Miguel foi erguida em territórios da margem esquerda do Rio Uruguai, territórios do Brasil atualmente, no ano de 1687 e de acordo com a descrição do padre Sepp (1951) já em 1698, as terras utilizadas para a produção de alimentos apresentaram dificuldades de fertilidade. É evidente que os povos indígenas, dentre eles os Guarani ocupavam a área há milhares de anos, mas mesmo assim, é impactante que em onze anos a terra já apresentasse sinais de desgastes.

E, conforme Cabral (2014b), as formigas cortadeiras buscam os solos com menos nutrientes, isto é, menos férteis, para formar as suas colônias e criar os seus fungos. Pois, nestes ambientes existe menos risco de patógenos e concorrentes com o fungo, permitindo o seu melhor desenvolvimento (Cabral, 2014b). Quer dizer, o solo da redução de *San Miguel*, segundo Sepp (1951), estava desgastado e não produzia mais a quantidade de alimentos necessários, caracterizando-se como um ambiente interessante para espécies do gênero *Atta* e *Acromyrmex*. Precedente a colonização ibérica, os povos indígenas resolviam este avanço das formigas, deixando a terra em descanso, mas a partir da formação das estruturas coloniais, como as reduções e o aumento demográfico, esta estratégia pouco pôde ser utilizada até o desgaste total e o abandono forçado.

Os dois eventos abordados nas missões de *Yapeyú* e *San Miguel* são alguns exemplos dos impactos ambientais causadas pela colonização nos ambientes do continente sul-americano. Houve outros, como falta de madeira após a incessante extração, avanços de gafanhotos e

[15] De acordo com Cabral (2014b), diversas plantas nativas, ao longo do processo de evolução, desenvolveram mecanismos de defesa contra as formigas-cortadeiras, a exemplo, de folhas com metabólicos que repelem estes insetos. Todavia, na Europa, por exemplo, não existiam formigas, como a saúva, por exemplo, dentre outras espécies. Mas, conforme ressaltado por Cabral (2014b) nem todas as plantas nativas conseguiram desenvolver estratégias de defesa contra os avanços das formigas, a mandioca não possui.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

roedores. Além de períodos de secas que causaram impactos na vida cotidiana de indígenas e padres. Estas adversidades ambientais não causaram problemas apenas de ordem econômica ou política nas missões, mas também influenciaram discussões entre padres e os Guarani (Baptista, 2015).

Os indígenas cobravam soluções dos padres para enfrentar as faltas de chuvas ou ataques de animais. Pois, diferentemente do modo de vida que precedia a invasão ibérica as suas terras, os indígenas não exerciam o regime de trabalho constante. Nas missões, embora não fossem escravos, os indígenas tiveram que se adaptar ao tempo de trabalho inserido pelos colonizadores, ou seja, plantar, colher, cuidar do gado, produzir instrumentos e materiais nas oficinas e participar cotidianamente das missas. Sendo assim, ao faltar alimentos, os Guarani cobravam soluções dos padres, assim como quando havia problemas precedente a colonização, exigiam soluções das lideranças xamânicas. Se não houvesse soluções, os indígenas recorriam as lideranças xamânicas e retornavam para as suas antigas aldeias (Baptista, 2015).

Os padres recorriam a procissões com santos em meio as roças, missas e penitências como estratégias para demonstrar aos indígenas que estavam buscando solucionar os problemas, recorrendo a questão cosmológica para demonstrar a sua força. As lideranças xamânicas, constantemente combatidas pelos padres, também recorriam as práticas cosmológicas para demonstrar que poderiam resolver os problemas como ocorria antes da colonização. Neste contexto, os problemas ambientais também foram utilizados como disputa de poder entre os jesuítas e as lideranças xamânicas (Baptista, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação procurou demonstrar que as florestas do bioma da Mata Atlântica e os campos do bioma Pampa que compõem os territórios da Bacia Hidrográfica do Rio Uruguai – que integrava a Província Jesuítica do Paraguai – foram importantes para o modelo de vidas dos Guarani precedente a colonização, mas também para o modelo implantado pelas missões jesuíticas. Estes ambientes propiciaram aos jesuítas a introdução de gado de várias espécies e o sucesso da domesticação. As florestas e campos propiciaram solos férteis para o cultivo de espécies nativas e exóticas, além de matéria-prima para a construção das missões.

Entretanto, toda a ação humana gera transformação nos ambientes, isto é inegável, considerando que algumas práticas podem causar impactos mais negativos do que outros. A rápida inserção do modelo político, econômico e social das missões nestes biomas causou

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

desequilíbrios que foram sentidos pelos padres e Guarani que viviam nas missões ou fora delas. O avanço das formigas sobre as roças, estruturas e produtos missioneiros evidenciam o impacto ambiental, gerando a oportunidade destes insetos e outros animais de se alimentarem de plantas exóticas, introduzidas pelos padres, a exemplo das uvas, e de plantas nativas que neste novo modelo de roça estavam mais "a vista" destes animais.

As formigas ou demais animais não eram "pragas ambientais", ao contrário do discurso eurocêntrico, são seres que buscaram se adaptar à nova dinâmica inserida aos seus habitats. A derrubada de matas, a inserção de roças com o uso constante do fogo e a consequente perda dos nutrientes do solo, roçados mais homogêneos e com espécies exóticas, sem a proteção natural aos seus ataques, foram literalmente um "prato cheio" para estes insetos. Todavia, na perspectiva humana, as formigas foram um problema "gigante" para os colonizadores, já que eram capazes de destruir roças inteiras, invadir casas e derrubar estruturas com as suas escavações subterrâneas.

Na perspectiva dos Guarani, como demonstrou Baptista (2015) as adversidades ambientais foram utilizadas para que os padres e xamãs demonstrassem seus poderes perante suas relações cosmológicas envolvendo divindades e espíritos para solucionar a falta de alimentos. Deste modo, a questão ambiental não diz respeito apenas a questão econômica, mas faz parte de todos os âmbitos da vida humana.

REFERÊNCIAS

BACCARO, Fabricio B. *et al.* (org.). **Guia para os gêneros de formigas do Brasil**. Manaus: Editora INPA, 2015.

BAPTISTA, Jean. **O eterno**: crenças e práticas missionais. Brasília: IBRAM, 2015. (Dossiê missões, v. 2).

BARCELOS, Artur H. F. Os Jesuítas e a ocupação do espaço platino nos séculos XVII e XVIII. **Revista Complutense de História de América**, Madrid, v. 26, p. 93-116, 2000. Disponível em: http://repositorio.furg.br/handle/1/3398. Acesso em: 28 set. 2020.

BEHLING, Hermann *et al.* Dinâmica dos campos no sul do Brasil durante o Quaternário Tardio. In: PILLAR, Valério de Patta *et al.* (org.). **Campos Sulinos**: conservação e uso sustentável da biodiversidade. Brasília: MMA, 2009. p. 13-25.

CABRAL, Diogo de Carvalho. **O 'bosque de madeiras' e outras histórias**: a Mata Atlântica no Brasil Colonial (Séculos XVIII e XIX). 2012. 246 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

CABRAL, Diogo de Carvalho. 'O Brasil é um grande formigueiro': território, ecologia e a história ambiental da América portuguesa, parte 1. **Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC)**, v. 3, p. 467-489, 2014a.

CABRAL, Diogo de Carvalho. 'O Brasil é um grande formigueiro': território, ecologia e a história ambiental da América portuguesa, parte 2. **Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC)**, v. 3, p. 87-113, 2014b. Disponível em: https://www.halacsolcha.org/index.php/halac/article/view/197. Acesso em: 3 fev. 2021.

CABRAL DE OLIVEIRA, Joana. ((R)E)Feito Floresta. **Revista ClimaCom**, Campinas, ano 7, n. 17, p. 1-14, 2020. Disponível em: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/joana-de-oliveira-florestas/. Acesso em: 16 jun. 2021.

CONVENIO SOBRE DIVERSIDAD BIOLÓGICA. **Cuarto informe Nacional**. República Argentina: Secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2010. Disponível em: https://www.cbd.int/doc/world/ar/ar-nr-04-es.pdf. Acesso em: 3 dez. 2021.

DI BITETTI, Mario S.; PLACCI, Guillermo; DIETZ, Lou Ann. **Uma visão de Biodiversidade para a Ecorregião Florestas do Alto Paraná – Bioma Mata Atlântica**: planejando a paisagem de conservação da biodiversidade e estabelecendo prioridades para ações de conservação. Washington, D.C.: World Wildlife Fund, 2003. Disponível em: https://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/altoparana_versao_completa_portugues.pdf . Acesso em: 3 dez. 2021.

DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones** (Tomo I). Resistencia: Universidad Nacional del Nordeste, 1967.

DOBRIZHOFFER, Martin. **Historia de los Abipones** (Tomo II). Resistencia: Universidad Nacional del Nordeste, 1968.

ELLIOTT, J. H. A Espanha e a América nos séculos XVI e XVII. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina**: América Latina colonial, v. 1. São Paulo: Edusp, 2012. p. 283-338.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos; FLECK, Eliane C. Deckmann; MARTINS, Maria Cristina Bohn (org.). **Carta Ânua da Província Jesuítica do Paraguai 1659-1662**. São Leopoldo: Oikos; Unisinos; Cuiabá: EdUFMT, 2008.

FELIPPE, Guilherme Galhegos. **A cosmologia construída de fora**: a relação com o outro como forma de produção social entre os grupos chaquenos no século 18. 2013. 269 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4087. Acesso em: 30 dez. 2021.

FUHR, Guilherme. **Inventário Florístico e Manejo da Vegetação do Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo, São Miguel das Missões – RS**. 2013. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Porto Alegre, 2013. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/96772/000919152.pdf?sequence=1. Acesso em: 27 dez. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Biomas e sistema costeiro-marinho do Brasil**: compatível com a escala 1:250 000. Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101676. Acesso em: 29 nov. 2021.

KERN, Arno A. **Missões**: uma utopia política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

KUPLICH, Tatiana Mora; CAPOANE, Viviane; COSTA, Luis Fernando Flenik. O avanço da soja no bioma Pampa. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 31, p. 83-100, 2018. Disponível em: https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/boletim-geografico-rs/article/view/4102/3978. Acesso em: 3 dez. 2021.

LEÃO, Patrícia Coelho de Souza. Breve Histórico da vitivinicultura e a sua evolução da região semiárida brasileira. **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica**, Recife, v. 7, p. 81-85, 2010.

MAEDER, Ernesto; GUTIÉRREZ, Ramón (coord.). **Atlas territorial de las misiones jesuíticas de guaraníes**: Argentina, Paraguay y Brasil; Atlas territorial y urbano das missões jesuíticas dos guaranis: Argentina, Paraguay e Brasil. Sevilla: Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico; IPHAN, 2009.

MARCUZZO, Sílvia; PAGEL, Sílvia Mara; CHIAPPETTI, Maria Isabel Stumpf. **A reserva da biosfera da Mata Atlântica no Rio Grande do Sul**: Situação atual, ações e perspectivas. São Paulo: Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 1998. (Caderno, n. 11). Disponível em: http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/Caderno_11.pdf. Acesso em: 3 dez. 2021.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. **Sobre festas e celebrações**: as reduções do Paraguai (séculos XVII e XVIII). Passo Fundo: Editora Universitária de Passo Fundo, 2006.

NEETZOW, Anselmo Alves. **A construção colonial da Província do Platina nos séculos XVI e XVII**. 2012. 340 f. Tese (Doutorado em Letras - área de História) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012.

NEVES, Eduardo Góes. Castanha, pinhão e pequi ou a alma antiga dos bosques do Brasil. In: CABRAL DE OLIVEIRA, Joana *et al.* (org.). **Vozes vegetais**: diversidade, resistências e histórias da floresta. São Paulo: Ubu Editora; IRD, 2020. p. 109-124.

NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. **Revista USP**, São Paulo, n. 44, p. 218-269, 1999/2000. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/29849/31735. Acesso em: 5 out. 2021.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

NOELLI, Francisco Silva; CORRÊA, Ângelo Alves. Arqueologia regional e a construção das paisagens Guarani na margem esquerda do rio Paraná, Estado do Paraná, Brasil. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 29, n. 45, p. 87-112, 2016. Disponível em: https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/3177. Acesso em: 7 out. 2021.

PÁDUA, José Augusto. Um país e seis biomas: ferramenta conceitual para a educação ambiental e o desenvolvimento sustentável. In: PÁDUA, José Augusto (org.). **Desenvolvimento, Justiça e Meio Ambiente**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Editora Peirópolis, 2009. p. 118-150.

PINTO, Luiz Paulo *et al.* Mata Atlântica Brasileira: os desafios para conservação da biodiversidade de um hotspot mundial. In: ROCHA, Carlos Frederico Duarte *et al.* (org.). **Biologia de Conservação**: Essências. Rio de Janeiro: RiMa, 2006. p. 91-118.

ROGGE, Jairo H. *et al.* **A grande Estância de Yapeyú**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2020. (Antropologia, n. 75). Disponível em: http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/antropologia/volumes/075.pdf. Acesso em: 20 dez. 2021.

SEPP, Antônio. **Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1951.

SERRES, Helenize Soares. **As estâncias missioneiras da Banda Oriental do Uruguai**. 2018.
207 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7352. Acesso em: 28 set. 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem** e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

ZENI, Vera Lucia Fortes. **Bacia do Prata**: o território das águas. 2018. 278 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.557
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional